

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA A PARTIR DE 2014

Autoras: Mariana Gonçalves Farias¹, Mariana da Costa Biermann², Glysa de Oliveira Meneses³, Lia Wagner Plutarco⁴, Estefânea Élide da Silva Gusmão⁵

RESUMO

A violência tem consequências físicas, reprodutivas, psicológicas e sociais para as mulheres, além disso, também gera elevados custos para a economia mundial. Conhecer a produção científica acerca do tema pode contribuir para uma maior visibilidade do problema, para a maior fundamentação das políticas públicas e para a identificação de avanços e lacunas da literatura. O presente estudo tem como objetivo caracterizar a atual produção científica brasileira acerca da violência contra a mulher. O corpus textual foi composto por 117 resumos de artigos científicos recuperados da base de dados BVS – Biblioteca Virtual de Saúde – e Scielo – *Scientific Electronic Library Online* – por meio do descritor “violência contra a mulher”. Os resultados indicaram a existência de cinco categorias que representam as pesquisas brasileiras atuais acerca do tema, a saber: Desigualdade de gênero; Metodologia dos artigos, O problema da violência contra a mulher; Caráter violento letal intencional e Fatores de risco à violência. De modo geral, o presente estudo revelou mais similaridades do que divergências entre os estudos desenvolvidos nos últimos cinco anos e a produção anterior acerca da violência contra a mulher. Não obstante, os resultados possibilitam identificar alguns avanços, dificuldades e lacunas na pesquisa da temática.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Violência de gênero; Produção científica.

1 Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará; mariana_gfarias@hotmail.com

2 Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará; marianabiermann@gmail.com

3 Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará; meneses.glysa@gmail.com

4 Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará; liaplutarco@hotmail.com

5 Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; estefanea@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O termo “violência contra a mulher” engloba diversos tipos de violência, sejam elas psicológicas, físicas, ou sexuais (WHO, 2013). Entre as formas mais comuns de violências sofridas pelas mulheres, estão a violência por parceiros íntimos e a violência sexual (WAISELFISZ, 2015; WHO, 2016).

Os índices mundiais (WHO, 2013) apontam que cerca de 35% das mulheres já experienciaram violência física ou sexual pelos parceiros, enquanto 7% foram violentadas sexualmente por outros indivíduos, incluindo familiares, conhecidos e desconhecidos. Por sua vez, o Brasil é considerado um dos piores países da América Latina no âmbito do bem-estar feminino, especialmente devido aos elevados números de violência contra a mulher (AMNESTY INTERNATIONAL, 2017). Em uma pesquisa realizada em 2016, 29% das mulheres brasileiras afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência, e estima-se que 43% dos casos ocorreram no ambiente domiciliar.

A violência tem consequências físicas, reprodutivas, psicológicas e sociais para as mulheres. Além disso, ela gera elevados custos que impactam a economia mundial, tanto com serviços oferecidos às vítimas, como com políticas públicas de enfrentamento do problema. Estima-se que o custo da violência contra as mulheres chega a 1,5 trilhões de dólares, o que representa 2% do produto interno bruto global (ONU, 2016). Esse comportamento frente às mulheres é considerado um grave problema de saúde pública e uma questão que atinge diretamente os direitos humanos (WHO, 2013). Diante desse cenário, a 57ª reunião da Comissão sobre a Situação da Mulher, ocorrida em 2013, teve como objetivo principal discutir estratégias para erradicar a violência feminina. Um dos alertas da Comissão foi para a necessidade de pesquisas com análises multidisciplinares sobre as causas e os fatores de risco da violência feminina, a fim de promover a conscientização e o desenvolvimento de políticas públicas (WHO, 2013).

De fato, a pesquisa internacional acerca da violência contra a mulher tem seguido tal recomendação e envolve, primordialmente, a descrição da dimensão do problema; tendo como objeto de estudo a identificação de fatores de risco, incluindo variáveis demográficas e interpessoais; e o desenvolvimento e avaliação de estratégias de prevenção e intervenção (KAUKINEN *et. al.*, 2017). No entanto, no

Brasil, o tema só ganhou mais notoriedade nas pesquisas nacionais, a partir de 2006, após a criação da Lei 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

Os primeiros estudos acerca do tema se limitavam à análise de denúncias de casos de violência contra a mulher, a partir do mapeamento das queixas e dos atores envolvidos (SANTOS; IZUMINO, 2014). A partir dos anos 2000, um estudo anterior sobre a produção brasileira acerca da violência, mostrou que as pesquisas acerca da violência contra a mulher abordavam as concepções hegemônicas de gênero, a violência familiar e a violência durante a gestação e o parto (PEREIRA *et. al.*, 2010). Durante os anos de 2003 e 2007, Frank, Coelho, Boing (2010) identificaram 176 artigos com foco na violência de parceiros íntimos, entre eles, a maioria foi publicado em revistas das ciências médicas, com autoria feminina, enfoque quantitativo e realizado em domicílios ou serviços de saúde. Especificamente acerca da violência contra a mulher de modo geral, foi encontrada somente uma revisão sistemática realizada a partir de artigos indexados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerando as produções científicas publicadas entre 2009 a 2013 (SILVA; OLIVEIRA, 2015). Os autores identificaram uma tendência para estudos com foco na vítima, qualitativos e que utilizavam a análise de conteúdo.

Nos estudos citados, é possível perceber algumas semelhanças como a presença da enfermagem como a área que mais produziu conhecimento acerca da temática e a falta de estudos que contemplem o perfil e a perspectiva do agressor. Além disso, Duarte, Fonseca e Pena (2015) apontaram que entre os estudos até 2012, percebe-se uma dificuldade no acesso às estimativas reais acerca da violência contra a mulher, o que limita a mensuração e conscientização acerca do problema. Os autores apontam que as deficiências nos sistemas de informações e que a subnotificação são os principais fatores associados a essa dificuldade. .

Diante do exposto, conhecer a produção científica acerca do tema pode contribuir para uma maior visibilidade do problema, bem como para a maior fundamentação e melhor planejamento de políticas públicas. Além disso, veicular de modo resumido a tendência da pesquisa na área também pode ajudar a identificar possíveis avanços e lacunas da literatura. Assim, torna-se importante investigar qual o panorama atual da pesquisa científica acerca da violência contra a mulher no Brasil. O presente estudo tem como objetivo caracterizar a produção científica

brasileira acerca da violência contra a mulher, a partir de 2014. O perfil das pesquisas continua o mesmo daquele encontrado entre 2009 e 2013? As temáticas mudaram? Os estudos buscaram preencher as lacunas existentes? No que os estudos avançaram? Essas são algumas das perguntas que o presente estudo pretende responder.

2 MÉTODO

2.1 Corpus

O corpus textual foi composto por 117 resumos de artigos científicos recuperados da base de dados BVS – Biblioteca Virtual de Saúde – e Scielo – *Scientific Electronic Library Online* – por meio do descritor “violência contra a mulher”. Para ser incluso no corpus o artigo deveria contemplar alguns critérios: ter sido publicado nos últimos cinco anos, abrangendo um intervalo de publicações de 2014 a 2018, estar publicado em uma revista brasileira, ter o seu resumo em português e abarcar a temática de forma adequada. A busca inicial apontou a existência de 127 resultados, após a avaliação com base nos critérios pré-estabelecidos, reduziu-se para um total de 119 artigos, dos quais foram excluídos dois artigos, pois um deles contava com uma amostra da Angola e o outro era referente à violência contra crianças, totalizando, assim, o aproveitamento de 117 artigos para o corpus.

2.2 Análise do corpus

Os dados foram analisados por meio do software IRAMUTEQ (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, versão 0.7), software gratuito e de fonte aberta desenvolvido por Pierre Ratinaud (Ratinaud & Marchand, 2012). O programa utiliza a estrutura do software R (www.r-project.org) para realização dos cálculos estatísticos (LAHLOU, 2012).

O IRAMUTEQ permite realizar análises quantitativas e qualitativas de dados textuais por meio de lexicografia (frequência e estatística básicas) (CAMARGO; JUSTO, 2013). Optou-se no presente estudo por realizar uma Análise de Similitude e uma análise de Classificação Hierárquica Descendente. A Análise de Similitude é baseada na teoria dos grafos (MARCHAND; RATINAUD, 2012) e permite identificar coocorrências entre as palavras, seu resultado apresenta indicações da conexão entre as palavras, contribuindo para a identificação da estrutura do *corpus* textual com base tanto em semelhanças quanto em especificidades em função de uma variável descritiva. A análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) realiza uma análise sobre os segmentos de texto, ideal para respostas longas. A

análise em questão foi escolhida dada sua capacidade de definir classes de correspondência entre as listas de vocábulos de formas reduzidas ativas (LOUBÈRE, 2014).

Pode-se observar a posição central ocupada pelos verbetes “violência” e “mulher”, a estes estão os elementos organizadores “parceiro”, “saúde”, “sexual”, “público” e “rio”. Dentro da comunidade do elemento organizador “parceiro” e da “sexual”, podemos encontrar a palavra íntimo e abuso, respectivamente, retratando, inicialmente, o agrupamento referente ao principal agressor identificado na temática violência contra a mulher, e, em segundo lugar, o tipo de abuso sofrido. Já na comunidade do elemento organizador “saúde”, encontrou-se palavras como: entrevista, observar e equipa; agrupando, assim, as palavras referentes ao auxílio recebido pelas vítimas pelos dispositivos de saúde e a forma de avaliação dessa violência: técnicas de entrevista e observação. Dentro da comunidade do elemento organizador “rio”, encontrou-se as palavras: “grande” e “sul”, referente ao principal local de estudo da temática no Brasil. Por fim, dentro da comunidade do elemento organizador “público”, seguiu-se a palavra “político”, demonstrando a associação entre as duas esferas.

3.2 Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Para a presente análise, o *software* considerou 404 segmentos de texto para a classificação, com 2.566 de palavras lematizadas, 2.254 formas ativas, 22 formas suplementares, com média de 35,67 formas por segmento de texto, sendo considerando 75,80% dos segmentos de texto para a análise, satisfazendo o critério mínimo apontado pela literatura de 75% de aproveitamento do corpus (CAMARGO; JUSTO, 2016). A análise hierárquica descendente obteve a seguinte distribuição de classes: a classe 2, a qual obteve um aproveitamento do corpus de 18,32% engloba a classe 3 e 1, as quais apresentaram um aproveitamento de (23,3% e 20,1%, respectivamente); e a classe 5 e 4, as quais se separaram inicialmente das outras classes e são interligadas entre si, ocorrendo um aproveitamento de 21,5% na classe 5 e um de 16,8% na classe 4. Frente a isso, observa-se uma divisão do corpus em cinco classes, observadas na Figura 2.

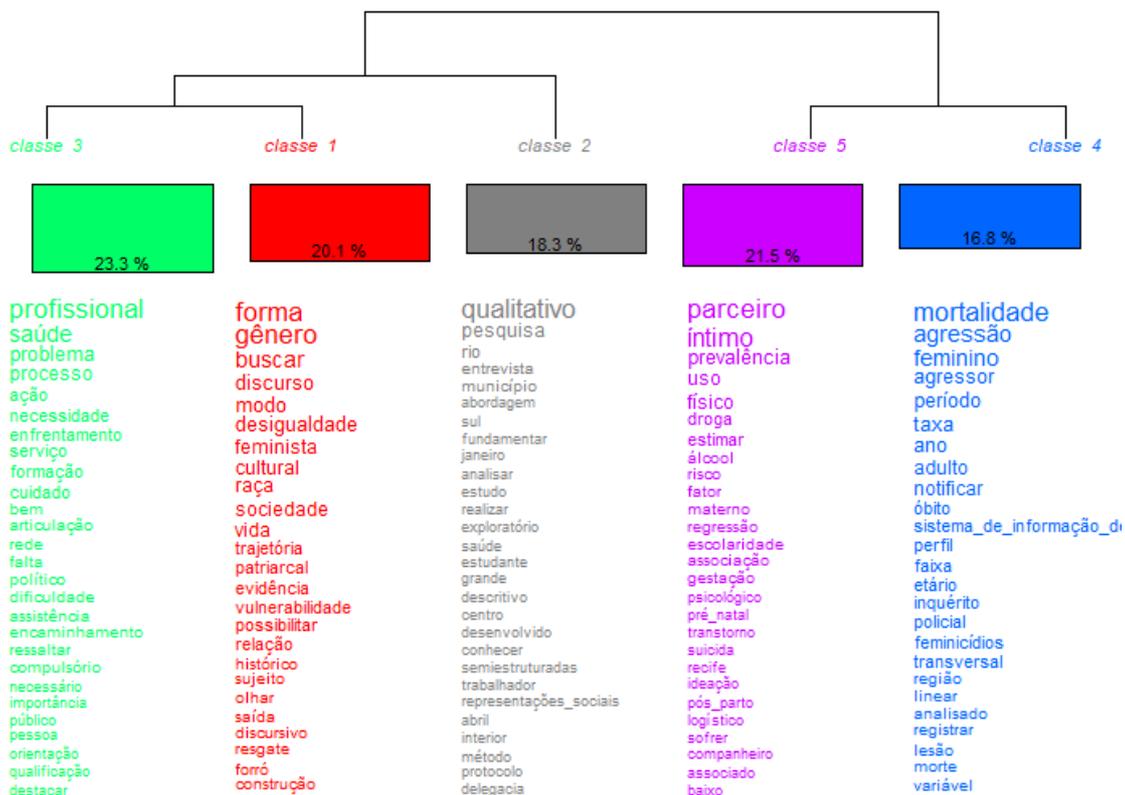


Figura 2. Dendrograma de classes para o corpus “violência contra a mulher”, compostas pelas formas ativas mais frequentes nos artigos da temática.

Cada classe resultante pela CHD é composta pelas palavras mais significativas (maior frequência dentro da classe) e pelas respectivas associações com a classe (qui-quadrado), deste modo, a Figura 3 apresenta 15 palavras que melhor caracterizam cada uma das classes.

Classe 3 – Problema da Violência contra a Mulher			Classe 1 – Desigualdade de Gênero			Classe 2 – Metodologia dos Artigos			Classe 5 – Fatores de Risco à Violência			Classe 4 – Caráter Violento Letal Intencional		
Palavra	Freq.	X ²	Palavra	Freq.	X ²	Palavra	Freq.	X ²	Palavra	Freq.	X ²	Palavra	Freq.	X ²
Profissional	43	67,11	Forma	14	39,17	Qualitativo	43	201,92	Parceiro	40	95,78	Mortalidade	14	71,66
Saúde	47	50,32	Gênero	29	37,90	Pesquisa	28	82,51	Íntimo	38	87,98	Agressão	19	59,25
Problema	13	39,34	Buscar	9	26,91	Rio	19	63,15	Prevalência	17	59,27	Feminino	12	49,16
Processo	14	31,35	Discurso	11	24,65	Entrevista	14	53,30	Uso	14	47,53	Agressor	13	45,09
Ação	18	28,35	Modo	6	24,29	Município	15	35,86	Físico	25	44,09	Período	11	39,49
Necessidade	18	28,35	Desigualdade	7	23,16	Abordagem	13	33,45	Droga	12	39,82	Taxa	9	39,21
Enfrentamento	18	28,35	Feminista	5	20,19	Sul	12	32,41	Estimar	10	37,36	Ano	18	38,57
Serviço	25	28,09	Cultural	5	20,19	Fundamentar	7	31,77	Alcool	9	28,45	Adulto	9	34,11
Formação	8	26,92	Raça	5	20,19	Janeiro	8	30,64	Risco	11	27,92	Notificar	6	30,09
Cuidado	13	25,29	Sociedade	7	19,14	Analisar	23	29,23	Fator	14	26,70	Óbito	5	25,02
Bem	8	22,20	Vida	12	19,01	Estudo	34	27,66	Materno	7	25,96	Perfil	5	25,02
Articulação	8	22,20	Trajetória	4	16,11	Realizar	21	27,20	Regressão	11	24,74	Etário	5	25,02
Rede	15	20,14	Patriarcal	4	16,11	Exploratório	8	26,08	Escolaridade	9	24,32	Inquerito	7	24,42
Falta	7	18,86	Evidência	4	16,11	Saúde	33	23,80	A ssociação	12	22,71	Policial	7	24,42
Político	10	18,84	Vulnerabilidade	6	15,37	Estudante	5	22,58	Gestação	6	22,19	Feminicídio	6	24,14

Figura 3. Dendrograma de classes com os vocábulos mais significativos para o corpus “violência contra a mulher” dividido por classe.

A classe 3, denominada “O Problema da Violência contra a mulher”, representa 23,03% dos segmentos de texto, e as palavras que melhor se relacionam a esta classe fazem menção à problemática da violência enquanto um problema de saúde que demanda enfrentamento e suporte. Na Tabela 1, estão descritos os seguimentos de textos mais representativos desta classe, com base na média dos χ^2 das formas ativas em cada segmento de texto.

Tabela 1. Segmentos de texto mais representativos da Classe 3

χ^2	Segmento de Texto
47,73	<i>destarte se percebe a necessidade de profissionais capacitados para captar o invisível no visível a fim de cuidar desses corpos na sua multidimensionalidade</i>
34,44	<i>a violência contra a mulher constitui um importante problema de saúde pública no brasil e no mundo</i>
33,73	<i>na etapa qualitativa as dificuldades mais referidas foram o tamanho da ficha os problemas para se obter as informações da mulher e a dificuldade do profissional em obter essas informações</i>
32,04	<i>se concluiu que o maior entrave advém do próprio profissional de saúde e envolve fatores que variam desde formação inadequada até a ocorrência de conflitos morais e éticos que culminam na culpabilização e responsabilização das vítimas pela situação de violência em que se encontram</i>
31,67	<i>conclui que há imediata necessidade de se desenvolver as competências dos profissionais e modificar os processos de trabalho para o enfrentamento da violência doméstica prioritariamente nas adolescentes grávidas vítimas de violência</i>
27,04	<i>se ressalta a necessidade de implementação de ações dos serviços de saúde no enfrentamento da violência considerando essas representações</i>

Nota: Nesta tabela estão contidos apenas os 3 segmentos de texto com os maiores χ^2

Entre os artigos que melhor se relacionam com esta classe pode-se destacar: Fragmentos de Corporeidades Femininas Vítimas de Violência Conjugal (FERRAZ; LABRONICI, 2015, $\chi^2 = 47,73$, $p \leq 0,0001$); Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência (BARUFALDI et al, 2018, $\chi^2 = 34,44$, $p \leq 0,0001$).

A classe 1, denominada “Desigualdade de Gênero”, representa 21,05% dos segmentos de texto, e as palavras que melhor se relacionam a esta classe fazem menção à desigualdade de gênero e às questões sociais envolvidas na formação e manutenção de tal desigualdade. Na Tabela 2, estão descritos os seguimentos de

textos mais representativos desta classe, com base na média dos χ^2 das formas ativas em cada segmento de texto.

Tabela 2. Segmentos de texto mais representativos da Classe 1

χ^2	Segmento de Texto
39,17	se destaca a forma física por meio da força sendo os órgãos genitais e a cabeça as regiões mais afetadas
21,90	pelos estudos contemporâneos de gênero joan scott heleith saffioti karin smigay e pelos estudos de raça e cor florestan fernandes lilia schwarcz
20,76	a violência contra a mulher é um debate antigo e possui reivindicações de mulheres de forma organizada há mais de um século porém sua introdução como importante tema na agenda internacional foi recente e dependeu de um grande esforço de grupos de mulheres
19,58	feminicídios são assassinatos de mulheres decorrentes das desigualdades de gênero e representam a forma mais extrema da violência contra a mulher o referencial teórico metodológico utilizado neste estudo foi a teoria do patriarcado e a análise crítica do discurso
18,84	conclusão o estudo comprovou a evidência de associação entre a violência doméstica contra a mulher e qualidade de vida situação que reafirma a importância de construir políticas públicas com enfoque na emancipação de gênero
18,69	conhecer as ações de cuidar de mulheres em situação de violência por enfermeiras em serviços de urgência e emergência e analisar as ações que busquem o empoderamento de mulheres para a equidade de gênero

Nota: Nesta tabela estão contidos apenas os 3 segmentos de texto com os maiores χ^2

Entre os artigos que melhor se relacionam com esta classe pode-se destacar: Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012 (SILVA; OLIVEIRA, 2016, $\chi^2 = 39,17$, $p \leq 0,0001$); Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero (SILVEIRA; NARDI; SPINDLER, 2014, $\chi^2 = 21,90$, $p \leq 0,0001$).

A classe 2, denominada “Metodologia dos Artigos”, representa 18,32% dos segmentos de texto, e as palavras que melhor se relacionam a esta classe fazem menção à metodologia utilizada nos artigos selecionados, dos quais foram retirados os resumos que compuseram o corpus analisado. Na Tabela 3, estão descritos os seguimentos de textos mais representativos desta classe, com base na média dos χ^2 das formas ativas em cada segmento de texto.

Tabela 3. Segmentos de texto mais representativos da Classe 2

X²	Segmento de Texto
75,14	a partir da pesquisa qualitativa os resultados evidenciaram a invisibilidade da violência no serviço e o desconhecimento da categoria gênero e da sua complexidade
56,57	este artigo discute os dados qualitativos da pesquisa violência doméstica perpetrada contra a mulher no município de montes claros um recorte possível financiada pelo cnpq e pela fapemig
42,60	objetivo compreender repercussões do abuso sexual na vida adulta de mulheres abusadas sexualmente na infância método pesquisa qualitativa desenvolvida com nove mulheres em um centro_de_referência_da_mulher na região do semiárido do estado de pernambuco brasil através de entrevistas não estruturadas
41,90	apreender as motivações da ação da enfermeira ao cuidar de mulheres em situação de violência métodos pesquisa qualitativa fundamentada na fenomenologia_sociológica de alfred_schutz realizaram dez entrevistas com enfermeiras que haviam cuidado dessas mulheres em um hospitale
40,97	este artigo reflete sobre as facilidades e dificuldades no enfrentamento ao tráfico sexual de mulheres se trata de um estudo exploratório de natureza qualitativa se entrevistaram representantes de instituições governamentais e não governamentais do brasil e de Portugal
40,55	a metodologia se deu numa abordagem qualitativa que utilizou um pesquisa documental para coleta de dados extraídos de diários de campo feitos a partir dos grupos de discussões sobre conceitos importantes como gênero papéis e violência de gênero durante os anos de 2013 e 2014

Nota: Nesta tabela estão contidos apenas os 3 segmentos de texto com os maiores X²

Entre os artigos que melhor se relacionam com esta classe pode-se destacar: O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica (ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2014, $\chi^2 = 75,14$, $p \leq 0,0001$); Várias Marias: efeitos da Lei Maria da Penha nas delegacias (ROMAGNOLI, 2015, $\chi^2 = 56,57$, $p \leq 0,0001$).

A classe 5, denominada “Fatores de Risco à Violência”, representa 21,53% dos segmentos de texto, e as palavras que melhor se relacionam a esta classe fazem menção a fatores de risco que podem contribuir para um contexto que torne a violência mais suscetível, como uma violência obstétrica contra uma gestante, ou um parceiro íntimo sob efeito de substâncias alcoólicas. Na Tabela 4, estão descritos os seguimentos de textos mais representativos desta classe, com base na média dos X² das formas ativas em cada segmento de texto.

Tabela 4. Segmentos de texto mais representativos da Classe 5

X²	Segmento de Texto
52,77	<i>as interligações existentes entre trauma narcisismo e pulsão de morte são abordadas neste estudo por meio da análise do caso clínico de um homem que cometeu violência doméstica contra a sua parceira íntima</i>
46,41	<i>alta prevalência de violência por parceiro íntimo nessa comunidade especialmente a violência emocional destaca se como relevante achado indicando a necessidade de cuidados na prevenção e saúde geral dessa população</i>
43,01	<i>resultados a prevalência da violência pelo parceiro íntimo foi de 24 4 por cento e da prática educativa materna violenta de 93 8 por cento o uso de disciplina não violenta foi referido por 97</i>
42,06	<i>resultados a prevalência de uso inadequado do pré_natal foi de 44, 1 por cento e da violência física pelo parceiro íntimo de 25, 6 por cento</i>
41,30	<i>objetivo estimar a prevalência e os fatores associados às violências psicológica física e sexual nas mulheres vítimas de violência perpetrada pelo parceiro íntimo atendidas nos serviços de atenção primária</i>
40,50	<i>a maioria das vítimas era jovem com baixa escolaridade e exercia ocupações pouco valorizadas socialmente elas tinham histórico de violências perpetradas por parceiro íntimo e um quarto delas havia registrado boletim de ocorrência policial</i>

Nota: Nesta tabela estão contidos apenas os 3 segmentos de texto com os maiores X²

Estão entre os artigos que melhor se relacionam com esta classe: Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: estudo de caso de um agressor conjugal (STENZEL; LISBOA, 2017, $\chi^2 = 52,77$, $p \leq 0,0001$); Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil (BARROS et al, 2016, $\chi^2 = 46,41$, $p \leq 0,0001$).

A classe 4, denominada “Caráter Violento Letal Intencional”, representa 16,86% dos segmentos de texto, e as palavras que melhor se relacionam a esta classe fazem menção a aspectos mais associados ao caráter letal da violência contra a mulher e sua relação com à alta taxa de feminicídios no Brasil. Na Tabela 5, estão descritos os seguimentos de textos mais representativos desta classe, com base na média dos X² das formas ativas em cada segmento de texto.

Tabela 5. Segmentos de texto mais representativos da Classe 4.

X²	Segmento de Texto
30,40	resultados de 1990 a 2015 se observou estabilidade das taxas de mortalidade por homicídios com variação percentual de 0, 9 passando de 28, 3 por 100 mil habitantes em 1990 para 27, 8 por 100 mil em 2015
29,12	no primeiro triênio a taxa média de feminicídio foi de 4, 5 óbitos por 100 mil mulheres e no segundo período foi de 4, 9 por 100 mil pobreza pentecostal e mortalidade masculina por agressão estiveram associados aos feminicídios
28,54	trata de um estudo descritivo da mortalidade por agressão em mulheres a partir do linkage de bancos de dados
28,19	o objetivo do estudo foi analisar a tendência temporal da taxa de mortalidade feminina por agressão no brasil regiões e estados no período de 2002 a 2012 estudo ecológico de série temporal com dados secundários de mulheres na faixa etária de 20 a 59 anos mortas por agressão
26,13	o romance a guerra dos bastardos de ana paula maia apresenta um denso painel de violências ficcionais e o fato da sua autoria feminina é relevante para a nossa análise
25,95	as taxas de mortalidade foram analisadas por regressão linear simples estratificadas por região índice de gini e idh se evidenciou no país tendência estável na taxa de mortalidade feminina por agressão com diferenças entre estados e regiões

Nota: Nesta tabela estão contidos apenas os 3 segmentos de texto com os maiores X²

Mortalidade e anos de vida perdidos por violências interpessoais e autoprovocadas no Brasil e Estados: análise das estimativas do Estudo Carga Global de Doença, 1990 e 2015 (MALTA et al, 2017, $\chi^2 = 30,40$, $p \leq 0,0001$); Feminicídios: estudo em capitais e municípios brasileiros de grande porte populacional (MENEGHEL et al, 2017, $\chi^2 = 29,12$, $p \leq 0,0001$), configuram os dois artigos que melhor se relacionam com esta classe.

4 DISCUSSÃO

O presente artigo teve como objetivo caracterizar a produção científica acerca da violência contra a mulher, no Brasil, de 2014 até março de 2018. Acredita-se que tal objetivo foi cumprido ao se identificar cinco categorias que representam as pesquisas brasileiras atuais acerca do tema, a saber: Desigualdade de gênero; Metodologia dos artigos, O problema da violência contra a mulher; Caráter violento letal intencional e Fatores de risco à violência.

A primeira classe envolve palavras que mostram que a violência contra a mulher é tratada nos artigos como um reflexo da estrutura sociocultural marcada pela desigualdade de gênero e pelo patriarcalismo. De fato, o conceito de gênero é uma importante categoria de análise ao se considerar as relações entre homens e mulheres e, desde os anos 90, ganhou destaque nos estudos acerca da violência contra a mulher, levando, inclusive, ao uso da terminologia “violência de gênero” (SANTOS; IZUMINO, 2014). Além disso, autores clássicos, como Brownmiller (1975) corroboram essa concepção e concebem a violência contra as mulheres como uma representação do poder e da dominação social masculina.

A segunda classe se refere principalmente ao caráter metodológico das pesquisas realizadas no Brasil. As pesquisas mais recentes parecem seguir o mesmo padrão encontrado em revisões anteriores (SILVA; OLIVEIRA, 2015) caracterizado pela preferência pelo método qualitativo e pelo uso de entrevistas como ferramenta de obtenção de dados. Nessa classe, foi possível perceber também a prevalência dos estados do Rio Grande do Sul região sul e do Rio de Janeiro, como os principais locais em que os estudos foram realizados. Esse resultado aponta que o conhecimento acerca do tema tem sido construído com amostras específicas de determinados estados, o que dificulta a generalização e o dimensionamento real do problema. Além disso, chama atenção a carência de estudos em locais que apresentam as taxas mais altas de violência contra a mulher. Por exemplo, a região nordeste apresentou entre os anos de 2003 e 2013, o maior crescimento em termos de homicídio feminino no país; e capitais como Maceió, João Pessoa e Fortaleza obtiveram as taxas mais elevadas de feminicídio no ano de 2013 (WAISELFISZ, 2015). No entanto, as realidades de tais localidades parecem ter sido pouco investigadas nos últimos anos.

A despeito do local de estudo, os números elevados de homicídios femininos

parecem preocupar os pesquisadores brasileiros, o que pode ser observado na formação da classe 4, a qual descreve o caráter letal da violência contra a mulher como objeto de estudo. Nessa classe, também se destaca a importância do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) para a captação de dados acerca da temática.

A classe 3, denominada de “O problema da violência contra a mulher”, mostra que essa questão se configura como um grave problema de saúde pública, como indica a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2013). Além disso, as pesquisas parecem reconhecer a necessidade de uma melhor formação dos profissionais para lidar com as vítimas, bem como uma melhor estrutura dos serviços de saúde para proporcionar um cuidado integral às mulheres vítimas de violência. A articulação entre os serviços aparece como uma das principais dificuldades apontadas pelos pesquisadores. Com efeito, Meneses *et al.* (2014) apontam que não é necessário apenas a articulação entre a rede de saúde para o enfrentamento da violência de gênero, mas uma integração que inclua os serviços jurídico, policial, de habitação, social, entre outros. Apesar de citar tais necessidades, a produção brasileira carece de estudos voltados para o desenvolvimento e a avaliação de estratégias de prevenção e de intervenção, que se configuram com um dos principais direcionamentos do plano de ação recomendado pela Organização Mundial de Saúde para a erradicação da violência contra mulheres e meninas (WHO, 2016).

No entanto, as pesquisas parecem ter avançado no estudo dos fatores de risco, como mostra a classe 5, seguindo a direção de pesquisas internacionais com a identificação de variáveis demográficas e interpessoais que funcionem como subsídios para políticas públicas. A classe 5 também indica a tendência para a análise da violência pelo parceiro íntimo e da violência obstétrica. Esse mesmo foco de análise foi observado na revisão realizada por Pereira *et al.* (2010), considerando estudos entre 2003 e 2007.

De modo geral, o presente estudo revelou mais similaridades do que divergências entre os estudos desenvolvidos nos últimos cinco anos e a produção anterior acerca da violência contra a mulher. Não obstante, os resultados possibilitam identificar alguns avanços, dificuldades e lacunas na pesquisa da temática.

Por fim, o presente estudo apresenta algumas limitações. Primeiramente, apesar de contar com extensas bases de dados como a BVS e a Scielo, se

recomenda o aprofundamento da pesquisa, incluindo outras bases de dados como *Redalyc*, *LILACS* e *American Psychological Association (APA)*. Foram analisados apenas publicações em língua portuguesa, o que pode representar um viés do presente estudo. Buscando um maior alcance, alguns pesquisadores preferem publicar em periódicos internacionais, assim, é importante que futuras investigações incluam artigos em outras línguas como inglês e espanhol. Além disso, a Psicologia representa uma importante disciplina na discussão da temática analisada, dessa forma, traçar um perfil acerca da produção da Psicologia pode contribuir para uma reflexão do papel que a psicologia tem empenhado no enfrentamento da violência de gênero.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R.; SILVA, A. T. M. C.; MACHADO, L. S. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n. 48, p. 47-60, 2014.

AMNESTY INTERNATIONAL. **Amnesty International report 2017/2018: the state of the world's human rights**. London: Amnesty International Ltd, 2017.

BARROS, E. N. et al. Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 591-598, 2016.

BARUFALDI, L. A. et al. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2929-2938, 2018.

BROWNMILLER, S. **Against Our Will: men, women and rape**. New York: Fawcett Columbine, 1975.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.. **Tutorial para uso do IRAMUTEQ**. 2016.

Disponível em:

<http://iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_17.03.2016.pdf>

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da violência 2017**. Brasília, IPEA, 2017.

DUARTE, M.; FONSECA, R.; SOUZA, V. Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, n. 2, 2015.

GONTIJO, D. et al. Violência e saúde: uma análise da produção científica publicada em periódicos nacionais entre 2003 e 2007. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 3, p. 1017-1054, 2010.

FRANK, S.; COELHO, E.; BOING, A. Perfil dos estudos sobre violência contra a mulher por parceiro íntimo: 2003 a 2007. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 27, p. 376-381, 2010.

FERRAZ, M. I. R.; LABRONICI, L. M. Fragments of female corporeality in victims of domestic violence: a phenomenological approach. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 3, p. 842-849, 2015.

KAUKINEN, et al. The Direction of Violence Against Women Research and Evaluation. **Women & Criminal Justice**, p. 1-23, 2017.

LAHLOU, S. Text mining methods: an answer to Chartier and Meunier. **Papers on Social Representations**, v. 20, n. 38, p. 1-7, 2001.

LOUBÈRE, L.; RATINAUD, P. **Documentation IRaMuTeQ 0.6 alpha 3 version 0.1**. Toulouse, França, 2014. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/documentation_19_02_2014.pdf, 2014.>

MALTA, D. C. et al. Mortalidade e anos de vida perdidos por violências interpessoais e autoprovocadas no Brasil e Estados: análise das estimativas do Estudo Carga Global de Doença, 1990 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, p. 142-156, 2017.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). **Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT**, p. 687-699, 2012.

MENEGHEL, S. N. et al. Femicídios: estudo em capitais e municípios brasileiros de grande porte populacional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2963-2970, 2017.

MENEZES, P. M. et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde e sociedade**, v. 23, p. 778-786, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU]. **Why Money Matters in Efforts to End Violence Against Women and Girls**. 2016. Disponível em: <http://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2016/11/why-money-matters-in-efforts-to-evaw>.

QUADROS, G. et al. Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: estudo de caso de um agressor conjugal. **Ágora (Rio de Janeiro)**, v. 20, n. 3, p. 613-621, 2017.

ROMAGNOLI, R. C. Várias Marias: efeitos da Lei Maria da Penha nas delegacias. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 114-122, 2015.

SILVA, L.; OLIVEIRA, M. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3523-3532, 2015.

SILVA, L. E. L.; OLIVEIRA, M. L. C. Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 25, p. 331-342, 2016.

SILVEIRA, R.S.; NARDI, H. C.; SPINDLER, G. Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, 2014.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Centro de Estudos Latino-Americanos, 2015. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. **Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence.** Geneva: World Health Organization, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. **Global plan of action to strengthen the role of the health system within a national multisectoral response to address interpersonal violence, in particular against women and girls, and against children.** Geneva: World Health Organization , 2016.